

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE
na
Rua do Hospicio 85

Preço da assignatura por mez

Para a Corte 1\$000
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS
começam
no 1.º de cada mez

A DESFORRA DE UM DEFUNTO

L

(Continuação.)

Então ergueu-se desvairada, e estendeu as mãos para Didier.

— Oh! por piedade! exclamou com a garganta comprimida, deixe-me sahir! não me force por mais tempo a supportar este horrivel espectaculo!... Ah! sinto a vertigem apoderar-se de mim. Eu lhe supplico, de joelhos, de mãos postas, tenha compaixão de mim!

— Compaixão! respondeu Didier com ironia, quer que eu tenha compaixão da senhora?... pois esqueceu o passado?

— Jorge!..

— Não me chame mais por esse nome; não disperte as terríveis reminiscencias de uma epocha fatal e amaldiçoada! Ah! houve um dia em que eu tambem lhe estendi as mãos supplicantes!.. Ha muito tempo que isto foi!... Estava nas galés... nas galés, ouve?... achava-me sózinho, abandonado de todos, com o espirito entregue ao mais medonho desespero... Tivera medo — tinha acreditado que ia morrer, — e em um accesso de indizivel terror, como só podem ter os condemnados no inferno... voltei-me então para a senhora...

— Meu Deus! balbuciou a desventurada.

— Insensato que eu era! prosseguiu Didier; apesar de tudo quanto se havia passado... restava-me ainda no fundo do coração uma esperança obstinada que a sua crueldade não conseguira suffocar.

— Se o senhor soubesse...

— Escrevi-lhe então... uma carta compungente, em que derramára todas as lagrimas, em que puzera todos os soluços de minha alma... apêlo supremo em que se misturavam todos os gritos dos soffrimentos arrancados á minha razão enfraquecida...

Fallava-lhe do nosso passado amor, da felicidade dos primeiros dias, de minha filha Julieta, que eu não havia esquecido...

— Juro-lhe...

— Antes de enviar essa carta, tivera eu a idéa de lel-a a alguns de meus companheiros de calceta; e, cousa inaudita, inverosimil! sorpreendi no semblante daquelles miseraveis — daquelles monstros — uma especie de estremecimento que accusava intima emoção. Pois bem... quer que eu lhe recorde a impia resposta que recebi a essa carta?

— Não! não diga! oh! cale-se! supplicou a condessa.

— Na resposta que me chegou ás mãos, continuou Didier, diziam-me que estava rôto todo e qualquer laço entre mulher e marido... que a lei me declarára morto... e que os mortos fariam mal em voltar; que finalmente, e é neste ponto que a残酷 se mistura ao odioso, que, finalmente, Julieta era filha do conde des Aiglades e não minha!

— Era falso!...

— A' leitura dessa carta infame, apoderou-se de mim com violencia a idéa do suicidio. Não queria mais viver, tinha soffrido já demasiado. Não via nenhuma sahida á minha situação, nem nenhum sentimento que pudesse consolar-me... Oh! que terribel noites passei após essa revelação!... Um dia, porém, sem saber como foi que isso sucedeu, dispertei com uma nova esperança, e de repente cessou o meu desespero; comprehendi que minha vida tinha uma imperiosa missão... Não poderia nunca mais ser feliz, mas poderia vingar-me... Então, tudo mudou de aspecto... Se o meu passado feliz se abysmára para sempre, no futuro luzia-me a esperança de por minha vez pagar desgraça por desgraça, vergonha por vergonha!

— Ah! o senhor não fará semelhante cousa!...

Didier não respondeu; mas, agarrando com autoridade no braço de Clotilde, arrastou-a para a mesa.

— Vamos! disse em tom energico; os meus amigos das galés de Brest estão á espera... Prometi-lhes que a senhora presidiria a este banquete de despedida; com certeza, delicada como é, não lhes fará a injuria de recusar.

A condessa deixou-se arrastar para a mesa e caiu abatida em sua cadeira.

Já não tinha, evidentemente, consciencia muito lucida do que se passava em torno della.

Parecia-lhe impossivel tudo aquillo... era um sonho... um pesadelo monstruoso, de que não tardaria que despertassem.

Foi então que se passou um facto singular, inverosimil, que devia redobrar a convicção em que ella embalava as suas appreheções.

O banquete começára.

Os gracejos sinistros corriam de mistura com sínícias risadas, e, para não vêr causa alguma daquella ignobil scena, a desgraçada tapára o rosto com ambas as mãos.

De repente estremeceu.

Um ruido estranho chegára-lhe aos ouvidos.

Era o quer que seja como o roçar de um vestido de sêda, como o passo furtivo e macio de uma mulher.

A condessa ergueu então a cabeça e abriu subitamente os olhos.

O que ella viu, porém, pareceu-lhe tão extraordinario, que se levantou bruscamente do logar onde estava, e cruzou os braços no peito para comprimir desse modo o desordenado bater de seu coração.

Em frente della, a poucos passos de distancia, duas moças contemplavam-na com olhar meigo e bondoso, e pareciam querer tranquilizá-la com o seu carinhoso sorriso...

— Meu Deus!.. balbuciou a misera fóra de si; meu Deus! não me disperteis!...

As duas moças que assim se conservavam em distancia, de mãos dadas, eram... Francina e Julieta d'Orvado...

LI

Eis o que se havia passado:

Julieta, conduzida por Polichinello, chegára á tasca da praça Maubert, pouco depois de Didier, e adquirira imediatamente a certeza de que a condessa se achava na agua-furtada do *Philosopho*, na triste companhia em que acabamos de vê-l-a.

Então, dando unicamente ouvidos ao seu coração, precipitara-se para a escada e galgára os cinco andares, sem se importar com as observações que Polichinello lhe fazia.

Queria vêr sua māi, queria participar dos perigos a que sabia agora que ella estava exposta, pois que em camiuho seu companheiro a puzera ao facto de muita cousa.

Polichinello seguia-a de perto.

Quando ella alcançou a agua-furtada, quando entrou no primeiro compartimento e pôde ouvir a ruidosa desordem que reinava na sala contigua, parou ofegante, comprimiu o peito com ambas as mãos e estremeceu toda, ao ouvir os gracejos cynicos e grosseiros que chegavam até onde ella estava.

Nesse momento, apesar da exaltação de seu espirito, teve realmente medo...

O compartimento onde se achava jazia mergulhado em escuridão compacta, e durante os primeiros momentos não pôde distinguir cousa alguma.

Pouco a pouco, porém, o seu olhar se habituou áquellas trevas, e através do escuro ella acabou por distinguir um vago e indeciso vulto de mulher que se destacava em um canto.

Perturbada, inquieta, commovida, deu alguns passos.

Depois, como possuida de redobrado medo, soltou um grito e recuou aterrada.

Era Francina que estava diante della.

Francina, ligada sem duvida a Didier para exercer uma vingança terrivel; Francina, implacável e resoluta, disposta a fazer á condessa todo o mal que esta tentaria causar-lhe!

Julieta sentiu a razão prestes a fugir-lhe e possuiu-se de um terror sem nome.

— O' minha māi! minha māi! balbuciou ella, procurando suffocar os soluços.

Não teve tempo para dizer mais... A mão de Francina acabava de pegar na sua e apertava-a.

Julieta recuou, como se sentisse o contacto de uma faiasca electrica.

— Francina! disse com surpresa mesclada de susto.

— Esperava-a! respondeu a mocinha.

— Mas como está a senhora aqui? tornou Julieta... Ignora o que se está passando?

— Ao contrario, sei tudo. Salva das mãos de Polichinello por Louvet, foi este ultimo quem me disse que viesse ter aqui.

— E preveniu-a tambem do perigo que ameaça minha māi?... Francina, é horrivel o que aconteceu. Raptaram-na de casa, em meio de um baile. Conduziram-na para aqui, e aqui conservam-na, em companhia dos mais odiosos sicarios...

— Não é essa a mesma sorte que sua māi me havia reservado?

Julieta quis protestar com um gesto.

— Não... não!... escute-me, disse. E' impossivel que a senhora seja desapiedada... Sei que é bôa, amante, dedicada... Deixe-me dizer-lhe... uma rivalidade passageira fez-nos inimigas... a senhora ama Gontran, e eu amava-o tambem... O ciúme tornou-me louca e esqueci tudo... para satisfazer a paixão que me dominava... Pois bem! eu me arrependo, está ouvindo? a partir deste momento, renuncio a esse amor de que havia feito o unico sonho de minha vida, a unica alegria de meu coração! — Gontran ama-a, sei, e repare, fazendo-lhe esta confissão, não tenho a menor pallidez na fronte, não brilha nenhum relâmpago nos meus olhos! mas eu lhe peço, Francina, de joelhos, se quizer, em nome desse amor que elle lhe consagra, ajude-me a desviar o perigo que ameaça minha māi; salve-a, salve-nos a todos, da desgraça que nos vai ferir!

Francina tinha ouvido tudo sem interromper; quando Julieta d'Orvado acabou, ella ergueu-a brandamente, cingiu-a nos braços e deu-lhe na fronte um demorado beijo.

(Continua no proximo numero.)

A BASTARDA

PRIMEIRA PARTE

A AMANTE DO AMO

II

A ESCOLHA DE UMA ARMA.

(Continuação.)

O Sr. de Vezay examinou detidamente aquellas armas.

Sem duvida, estava indeciso a respeito da escolha que convinha fazer entre aquellas mortiferas riquezas.

Afinal decidiu-se.

Com o olhar escolheu duas espadas de combate, solidas, manejaveis, bem afiadas e agudas.

Tirou-as da panoplia.

Caillouet olhava para elle.

E, olhando, contrahia as sobrancelhas e encolhia imperceptivelmente os hombros.

O Sr. de Vezay examinou detidamente a ponta e a guarda das espadas.

Esse exame foi satisfactorio.

Pôz as duas armas em baixo do braço, e fez signal a Caillouet para tomar de novo o caminho da bibliotheca. O couteiro, porém, não se moveu.

— Então! disse o Sr. de Vezay; não me percebeste?

— Percebi perfeitamente.

— Que mais esperas?

O couteiro, por sua vez, pareceu hesitar.

Essa hesitação, porém, durou pouco.

— Sr. conde, disse elle resolutamente, uma pergunta...

— Uma pergunta?

— Que tencionas o Sr. conde fazer com essas tetéas?

E Caillouet indicava as espadas.

— Tu m'o perguntas? disse o conde com espanho não dissimulado.

— Sem duvida.

— Supunha que poderias adivinhar...

— Ah! é justamente por que tenho receio de adivinhar que faço a pergunta.

— Pensas então que o visconde Armando de Villedieu sahirá do parque como entrou, sem me encontrar no seu caminho?

— Não, com todos os diabos!.. não penso semelhante cousa!..

— E não comprehendes para que me servirão estas espadas?

— Oh! comprehendo!

— E então?

— E então é que o Sr. conde deve levar umas bôas pistolas, e não essas espadasinhas...

— Pistolas?

— Sim, certamente!

— E porque?

— Porque uma bala de chumbo fere com mais segurança do que uma lamina de aço.

— Sim, mas a gente não se pôde bater a pistola no escuro...

— Bater-se! exclamou Caillouet em ar de quem não havia comprehendido.

— Sem duvida, bater-se.

— Como!.. tornou o couteiro: pois tencionas bater-se com o Sr. de Villedieu?...

— Até que um de nós fique morto!...

Caillouet encolheu novamente os hombros.

— Sr. conde, disse elle em tom de estranho aze-dume, que fez o Sr. de Vezay estremecer, o visconde de Villedieu enganou-o, não é verdade?

— Tu bem o sabes, Caillouet!.. respondeu o conde com voz sombria.

O couteiro prosseguiu:

— Roubou-lhe, não é exacto? a sua honra e a sua felicidade.

— Sim, a minha honra... e a minha felicidade tambem...

— A ferida é profunda e cruel, e o Sr. conde soffre muito, não é exacto?

— Oh! muito! murmurou o conde, cuja angustia se augmentava a cada palavra de Caillouet.

— Pois bem! continuou este ultimo, cujos olhares desferiram fulvos lampejos; quando um homem nos faz tanto mal, e quando esse homem se acha á nossa disposição, a gente não se bate com elle... mata-o!...

— Um assassinato!.. exclamou o Sr. de Vezay.

— Não, Sr. conde, respondeu Caillouet; uma vingança!...

— E' cobardia!...

— E' justiça!...

— Basta, Caillouet!.. basta!

— Sr. conde, direi tudo até o fim!.. Aquelle homem toma-lhe o que lhe era mais caro nesta vida!.. rouba-lhe o repouso de suas noites... a esperança de sua velhice... o coração de sua mulher... esse homem é um ladrão, e a um ladrão mata-se!...

Ao passo que o couteiro assim fallava, a sua voz mordaz e incisiva parecia vergastar o rosto do Sr. de Vezay.

O conde parecia vacilar.

Empallidecia e corava alternativamente.

Afinal disse, ou antes balbuciou estas palavras quasi indistintas:

— Tens talvez razão, Caillouet... Mas vê, eu não poderia nunca... oh! nunca! ferir por traz um inimigo desarmado...

— Faça o que lhe aprovou, Sr. conde, respondeu friamente o couteiro.

E, sem accrescentar nem uma palavra mais ao que havia dito anteriormente, abriu de novo a porta do corredor, e, seguido pelo Sr. de Vezay, tomou outra vez o caminho da bibliotheca.

Chegando alli, Caillouet tornou a pôr a lampada em cima da mesa donde a havia tirado.

Foi buscar a sua carabina, que puzera a um canto, e esperou.

Cinco minutos decorreram no mais profundo silencio.

— Segue! disse afinal o Sr. de Vezay; eu te acompanho...

— Para onde imos?

— A' porta do parque.

Caillouet caminhou adiante.

No momento em que os dous homens, tendo atravessado um longo corredor e descido uma escada furtada, sahiam do castello para entrar no parque, a tormenta, passageiramente suspensa, se desencadeiava com inaudita violencia.

As arvores seculares, batidas umas de encontro ás outras pelo choque da tempestade e vergadas como flexiveis canicos, despedaçavam os galhos, que cahiam lascados e juncavam o chão.

Ouviam-se os pampanos e as betulas estalar e partir-se aos esforços da tormenta.

O ruido de sua queda gigantesca no chão humido se distinguia mesmo no meio dos enormes clamores da natureza em convulsão.

O trovão roncava sem descanso.

Relampagos incessantes dilaceravam as nuvens...

O céo inteiro, semelhante a uma fornalha em brasa, apresentava o magico e assustador espectaculo de um incendio gigantesco.

— Que noite!... que noite terrivel!... exclamou o conde, máo grado seu.

— O espirito do mal reina na tempestade! respondeu em voz alta o couteiro.

E accrescentou baixinho:

— Oh! sim! é uma noite terrivel! terrivel, mas propicia aos sinistros segredos que deverá guardar!...

Entretanto, o Sr. de Vezay sahira do castello.

Esforçava-se para atravessar a esplanada encoberta, e lutava contra a borrasca.

Tamanha, porém, tão impetuosa era a violencia do vento, que elle não podia avançar senão lentamente e passo a passo.

Afinal, o conde e o couteiro alcançaram as arvores e depois o muro do parque.

Graças ao abrigo do muro, que fazia um embate á violencia do vento, chegaram ao pavilhão de caça, vizinho á porta por onde o Sr. de Villedieu se havia introduzido.

Nesse momento, um immenso relampago sulcou o céo, como a espada do anjo exterminador.

Ao mesmo tempo retinu um ronco enorme, semelhante á descarga simultanea de vinte peças de artillaria.

Uma column de fogo pareceu desabar sobre o parque, e o raio cahiu a dez passos de distancia do conde e de Caillouet, do outro lado do muro.

III

BEM VINDO SEJA!

Ao ronco do trovão responderam relinchos de terror.

Depois, a esses relinchos sucedeu o ruido do galope impetuoso de dous cavallos que fugiam através do campo.

— Caillouet, estás ouvindo? perguntou o conde ao couteiro.

— Perfeitamente, respondeu este.

— Que ruido é aquelle?

— São os cavallos do Sr. de Villedieu que espanaram-se e vão fugindo...

Caillouet não se enganava.

Assustados pelo raio que acabava de cahir-lhe aos pés, os cavallos do visconde tinham fugido, espanados, possuidos de vertigem, arrebatando o criado que, montado em um delles, segurava o outro pela redea.

Durante alguns momentos pôde-se ainda distinguir, através do barulho da tempestade, o galope desenfreiado dos animaes, que se afastavam em disparada.

Depois um grito atravessou o espaço.

Um só.

Mas terrivel, supremo appêlo de desespero e de agonia.

E depois, mais nada!

Mais nada, senão o zunir das refregas, o choque das arvores lascadas, os roncos do trovão.

— Oh! oh! exclamou Caillouet.

— Que é? perguntou o conde.

— Acaba de acontecer uma desgraça.

— Achas que sim?

— Tenho a certeza.

— Onde?

— Acolá.

E Caillouet designou com o gesto o ponto do horizonte donde o grito de angustia se havia levantado.

— Que desgraça é essa? perguntou o Sr. de Vezay.

— O Loire é escarpado e fundo, respondeu o couteiro; a noite está escurissima... os cavallos dispararam assustados...

Caillouet interrompeu-se e prestou ouvidos durante um momento.

Depois prosseguiu com voz sombria:

— Nenhum dos entes vivos que sahiram esta noite do castello de Villedieu voltará ao amanhecer...

O Sr. de Vezay solto um suspiro e não respondeu.

— Tanto melhor, no fim de contas, prosseguiu o conde em tom mais baixo, tanto melhor!... não haverá testemunhas das cousas que se vão passar esta noite.

E, tendo assim fallado, Caillouet calcou até aos olhos o seu bonet de couro.

Depois, apoiou-se ao cano da carabina e ficou imovel e calado.

(Continua no proximo numero.)

EXPEDIENTE

Agradecendo aos Illms. Srs. assignantes que têm satisfeito as importancias de suas assignaturas, rogamos áquelle que ainda o não fizeram o obsequio de as mandar entregar ao escriptorio do *Folhetim*, rua do Hospicio 85.

Em tempo tambem avisamos ás pessoas que quiserem continuar a receber no proximo mez o *Folhetim* que a remessa da folha será suspensa, desde que a assignatura não seja reformada com precedencia.

OS EDITORES.